

ANÁLISE DO DISCURSO E LEITURA DE GÊNEROS DO JORNAL: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROGRAMA “TEIA DO SABER”

Eduardo Lopes Piris

Faculdade Montessori de Ibiúna
PG-Universidade de São Paulo
eduardopiris@usp.br

RESUMO: Este trabalho visa a apresentar a experiência que tivemos no programa de formação continuada de professores da rede pública estadual “Teia do Saber” referente ao curso *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, em 2007, junto à Diretoria de Ensino de Osasco. As aulas tiveram por objetivo o desenvolvimento crítico da leitura do jornal, em que focalizamos dois gêneros do discurso jornalístico: a notícia e a reportagem. Com base nos trabalhos de Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau e José Luiz Fiorin, analisamos, durante essas aulas, uma reportagem publicada pela *Folha de São Paulo* sobre um escândalo político e, em seguida, convidamos os cursistas a praticar essa leitura crítica, analisando outras notícias e reportagens publicadas pelo mesmo jornal. Para ilustrar nosso trabalho, reproduziremos, neste artigo, a análise de uma dessas matérias jornalísticas. Os resultados obtidos nos mostraram que os professores perceberam como a leitura do jornal pode se tornar crítica se o leitor compreender, entre outros, o uso do numeral como argumento, as diferentes vozes presentes no discurso jornalístico, a disposição gráfica dos textos e a importância da leitura não de um texto isolado da página do jornal, mas sim da página como um todo de sentido, que ressignifica, inclusive, o texto isolado.

Palavras-chaves: Análise do Discurso, gêneros discursivos, jornal, leitura, ensino.

ABSTRACT: This work presents the experience we had in a program of teacher training called “Teia do Saber”. Our course dealt with the questions about languages and teaching at public schools. The classes were aimed at the development of a newspaper critical reading, focusing at two genres of the journalistic discourse: the news item and the news report. Based on the works of Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau and José Luiz Fiorin, we analyzed, during these classes, a news article published by “Folha de São Paulo” on a political scandal and afterwards we invited the teachers to try this critical reading, analyzing other news report published by the same newspaper. To illustrate our work, we will reproduce herein the analysis of one of these journalistic texts. The results obtained show that the teachers could notice the way that the newspaper reading can become critical if the reader understands the use of the number category as an argument, the different voices in the journalistic discourse, the graphical design of the texts on the page, and the importance of reading the meaning produced by the whole on this page that gives a new signification to the isolated text.

Keywords: French Discourse Analysis, genre of discourse, news, reading, teaching.

1. Introdução

“Teia do Saber” é o nome dado ao programa de formação continuada de professores da rede pública do Estado de São Paulo, que, em 2007, ofereceu aos professores do Ensino Fundamental I o curso “Ler para Aprender” e, aos professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio outros três cursos de acordo não com as disciplinas em si, mas com os eixos temáticos, a saber:

- Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias (para professores de Matemática, Ciências, Biologia, Física e Química);
- Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias (para professores de Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física);
- Ciências Humanas e Suas Tecnologias (para professores de História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Psicologia).

Nesse mesmo ano, ministramos junto à Diretoria de Ensino de Osasco o curso *Linguagens, códigos e suas tecnologias (eixo I)*, em que recebemos professores das quatro disciplinas acima citadas. Num primeiro momento, tratamos receptionar os professores, apresentando nossa Instituição (Faculdade Associada de Cotia), o curso e o conteúdo a ser desenvolvido, e fazendo uma dinâmica para apresentação do grupo e a troca de relatos pessoais sobre a prática docente. Introduzimos a temática do curso, ressaltando que, embora as questões em torno da linguagem sejam de especial interesse de Língua Portuguesa, elas perpassam todos os demais componentes curriculares, o que torna relevante a conscientização de cada educador sobre o assunto e seus principais problemas.

Nossa primeira discussão com os professores focalizou o perfil psicológico e sócio-cultural do adolescente, pois entendemos que o sucesso da prática pedagógica depende também do conhecimento que o professor consegue construir sobre seu aluno, bem como do trabalho desenvolvido pelo corpo docente em grupo, sobretudo da maneira como tratar as disciplinas. Os professores acolheram bem os textos organizados por César Coll (1995), discutindo o assunto com base em suas experiências e trazendo contribuições e sugestões de outras leituras.

A partir daí, passamos a tratar do papel da interdisciplinaridade no projeto de ensino, baseando-nos na proposta de Kleiman & Moraes (2006) a fim de construir os subsídios para a elaboração dos projetos interdisciplinares que viriam a ser desenvolvidos no decorrer do curso, pois também era objetivo nosso que o professor saísse dali com algo bem concreto para ser aplicado em sala de aula.

Feitas essas considerações iniciais, passemos à reprodução do trabalho teórico e analítico que conduzimos durante esse curso. Propusemos aos professores a leitura do jornal pelo instrumental teórico oferecido pela Análise do Discurso, procurando tratar dos diversos gêneros discursivos presentes no jornal, mostrar alguns mecanismos lingüístico-discursivos de construção do discurso jornalístico e, assim, desvelar a construção do posicionamento ideológico do jornal perante assuntos polêmicos.

Enfim, se considerarmos que a leitura do jornal no contexto escolar vem sendo fortemente empregada como estratégia de ensino não só nas aulas de Língua Portuguesa, teremos motivos suficientes para acreditar que educar o olhar do leitor para que ele perceba o que se esconde por trás das palavras é, sobretudo, uma tarefa de conscientização.

2. Concepção de ideologia, linguagem e discurso

Não podemos deixar de reconhecer que o arcabouço teórico da Análise do Discurso está assentado na obra de Michel Pêcheux, sobretudo as teorizações que dizem respeito à relação entre ideologia e o discurso. No entanto, procuramos trabalhar com os professores-alunos da “Teia” com o livro de José Luiz Fiorin intitulado “Linguagem e ideologia” por se tratar de obra pautada pelos mesmos princípios marxistas que orientam Pêcheux e por apresentar de maneira muito clara e concisa a questão entre discurso e ideologia.

Fiorin (2003) define ideologia como “uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas e expressa-as de um modo invertido” (op.cit, p.29). Explica que há dois níveis de realidade: um de essência e outro de aparência; um profundo e outro superficial; um não-visível e outro fenomênico. Vale reproduzir o exemplo apresentado por Fiorin (2003, p.27) para ilustrar esses dois níveis de realidade:

O salário, ao aparecer como o pagamento do trabalho e não da força de trabalho, apaga a distinção entre tempo de trabalho necessário e tempo não-pago, fazendo das relações de trabalho, no nível aparente, uma troca igualitária. Isso mostra que o capitalismo engendra formas que mascaram sua essência, pois, se não houvesse apropriação do valor gerado pelo trabalho não-pago, não haveria capital.

É nesse sentido que Fiorin (op.cit, p.27) diz que as relações de exploração que estão no nível profundo aparecem como relações de troca no nível superficial, ou seja, a opressão e a sujeição são expressas inversamente como igualdade e liberdade. E é a partir desse nível de aparência da realidade que as idéias dominantes são construídas e é assim que tais representações justificam a ordem social, constituindo a ideologia dominante. De acordo com o exemplo acima, no modo de produção capitalista, a ideologia burguesa é dominante, porque a burguesia é a classe social dominante.

No entanto, cada classe social constrói seu próprio conjunto de representações, que se constituem mútua e reciprocamente numa relação polêmica: se de um lado está a ideologia burguesa, do outro está a ideologia proletária. O modo de pensar de cada classe social corresponde ao que se entende por *formação ideológica*, ao passo que a *formação discursiva* é o que determina como esse pensar deve ser dito: tem-se aí uma formação discursiva burguesa que determina àquele que assume o discurso burguês o que ele deve dizer, enquanto há uma formação discursiva proletária que impõe o que deve ser dito pelo sujeito que assume o discurso proletário.

Quando travamos nossos primeiros contatos com esses pressupostos teóricos, temos a impressão de que a formação discursiva engessa o sujeito do discurso, impedindo-o de exercer sua criatividade, inventividade, habilidade de negociar com as opiniões etc. Trata-se de um equívoco, evidentemente, pois o próprio Michel Pêcheux revisou – em um de seus últimos escritos – essa natureza da formação discursiva que, obrigatoriamente, passa por uma dada concepção de sujeito do discurso:

- não há dominação sem resistência: primeiro [sic] prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”.
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo” (Pêcheux, 1997, p.304).

É nesse sentido que – ao contrário do que às vezes se presume – podemos dizer que a constituição de cada um desses dois discursos está longe de ser um processo isolado, pois, considerando o primado do interdiscurso, conforme proposto por Dominique Maingueneau em sua *Gênese dos discursos* (2005), o que podemos chamar de fechamento ou de fronteira de uma formação discursiva não se caracteriza como algo estanque, mas como algo instável, uma vez que a identidade de uma formação discursiva e de seus sujeitos somente se constrói na relação com outra formação discursiva e com outros sujeitos: o discurso do proletariado só se sustenta graças ao discurso da burguesia e vice-versa; um só existe em decorrência do outro.

Como ainda estamos operando com noções que tangem a fenômenos muito abstratos, parece-nos interessante concluir esse item teórico, apresentando as noções de texto e de discurso com que estamos trabalhando neste artigo.

Para Fiorin (2003, p.41), “enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas [...], o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza [...] os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular seu discurso”. As palavras que escolhemos e o modo de combiná-las nos dá essa sensação de originalidade, que estamos criando algo nosso, todavia estamos cumprindo papel de porta-voz do grupo social a que pertencemos. É por essa razão que um mesmo discurso pode aparecer em textos distintos. Vemos o discurso do *carpem diem* nos anúncios publicitários de cerveja, nos conselhos dos avós, na versão da fábula “A Formiga e a Cigarra” em que a formiga não nega comida à cigarra e ainda lhe agradece por ter alegrado seus dias de trabalho com sua música etc. Por outro lado, o discurso admoestatório aparece na repreensão de um pai ao filho, nas histórias da Carochinha, na primeira versão da fábula “A Formiga e a Cigarra” em que a formiga nega comida à cigarra etc.

Enfim, essa exposição teórica teve como objetivo preparar o terreno para uma análise preocupada em desvendar que ideologia é construída pelo discurso jornalístico e como ela é construída, o que permitirá a leitura crítica do jornal.

3. A disposição gráfica dos textos na página do jornal

A página C1 do caderno *Cotidiano* apresenta uma reportagem formada por três textos seguindo à seguinte disposição, considerando a direção do nosso sistema de escrita e de leitura:

- A metade superior da página abriga a matéria intitulada “30 mil professores faltam por dia em SP” que é formada por um texto de dez parágrafos arranjados ao longo de seis colunas e uma fotografia (com legenda) que ocupa toda a faixa horizontal da página: texto e imagem dividem igualmente a metade superior da página;
- Já a metade inferior da página é subdividida verticalmente, em que:
 - O quarto inferior esquerdo da página acolhe duas matérias – “Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema” e “Educadores defendem mudar a lei”;
 - O quarto inferior direito da página apresenta um anúncio publicitário da Universidade São Francisco.

Não é possível negar que a disposição das matérias e de seus conteúdos também contribui para a construção do sentido da reportagem, mesmo que ele não seja percebido ou depreendido pelo leitor do jornal. Colocar um enunciado abaixo do

outro, ou um ao lado do outro – da esquerda para a direita – forma o que Tétu (1982, p.107) chama de “subordinação paratática das partes do enunciado”. Nessa perspectiva, podemos dizer que a reportagem constitui-se de uma justaposição de textos que obedecem a uma ordem estabelecida entre si em que um depende do outro. Assim, na ordem em que apresentamos os textos da página C1 do caderno *Cotidiano*, os textos da metade inferior da página estão subordinados ao texto da metade superior. Parece-nos, enfim, que é desse modo que a diagramação dessa página exerce influência na construção do sentido de cada texto. A tarefa passa a ser analisar o discurso que se manifesta por meio de cada texto dessa reportagem.

4. O discurso do número pelo argumento da quantidade

Jean-Jacques Robrieux (1993, p.159-160) diz que os lugares da quantidade e da qualidade estão entre os mais importantes e que, sem dúvida, o lugar da quantidade é o lugar comum que mais revela a democracia e a sociedade de consumo. Explica que a vida política do Ocidente se articula em torno de eleições, pesquisas de intenção de voto e que a economia não se sustenta sem a publicidade nem o *marketing*, em que todas as técnicas de persuasão que visam tocar as massas se utilizam do lugar da quantidade. Os publicitários, por exemplo, trabalham mirando a necessidade que os indivíduos têm de buscar a segurança, de se identificar com a massa, de seguir os modos e de se igualar aos outros, sobretudo ao seu vizinho, para não parecer ultrapassado.

Entendemos que o lugar da quantidade, lexicalizado por meio do numeral ou outra categoria que o valha, não se restringe a um argumento, mas consiste em um discurso, ou seja, o número aparece no discurso da publicidade, do jornalismo etc devido não apenas ao desejo de persuadir as massas, e sim à existência de um contexto sócio-histórico e uma práxis ideológica que legitimam e sustentam o que podemos chamar de “retórica do número” ou de “discurso do número”.

Publicada em 11 de novembro de 2007, na página C1 do caderno *Cotidiano* da “Folha de São Paulo”, a manchete “30 mil professores faltam por dia em SP” é um exemplo de como esse “discurso do número” é legitimado pelas práticas discursivas presentes em nossa sociedade. Vê-se aí que a chamada para a leitura de um tema tão importante como é a educação destaca as cifras em detrimento das condições de trabalho do professorado. O numeral que indica a taxa de ausência dos professores reaparece no “olho” da notícia lexicalizado na forma de um numeral fracionário, 12,8%, como se observa no enunciado “Falta diária é de 12,8% dos 230 mil professores [...]”. É evidente que “30 mil” é, dentre os dois números, o que apresenta maior apelo argumentativo no sentido de chamar a atenção do leitor do jornal para a questão das faltas dos professores.

Antes que se comece a defesa em favor da verdade dos números e da objetividade da imprensa, vale dizer que “verdade”, “objetividade” e “distanciamento” são efeitos de sentido construídos pelo discurso: é o que parece ser, é a impressão de realidade. O discurso é imbuído de um posicionamento ideológico que representa o pensamento de uma classe social inserida num dado momento histórico: um dia já foi verdade que a Terra era o centro do Universo; um dia já disseram “o átomo é a menor partícula da matéria”, em vez de dizer “acredito que o átomo é a menor partícula da matéria”, apagando as marcas lingüísticas do sujeito – elemento constitutivo do discurso – para criar o tom objetivo do discurso científico.

Portanto, parece-nos certo que a orientação argumentativa dessa manchete leva o leitor à construção de uma imagem negativa do professor. Há no corpo do texto tantas outras recorrências ao lugar da quantidade e todas elas corroboram para a construção dessa imagem. Destaquemos alguns:

- Enquanto “o índice de faltas [do professor da escola particular] é **inferior a 1%**”, o do professor da rede pública é de **12,8%**;
- “Nos colégios estaduais, os docentes contam com **19** dispositivos legais que permitem ausência sem descontar salário”;
- “Em **um** desses mecanismos, o professor pode, no limite, faltar **100** dos **200** dias letivos [...]”;
- “A rede possui **17.358** docentes eventuais [...]”.

Em outras palavras, o discurso da reportagem veiculada pelo jornal “Folha de São Paulo” consiste em dizer que o professor da rede pública falta muito mais do que o professor da rede particular, porque a legislação da rede pública dá muitas oportunidades para que isso ocorra, permitindo ao professor que ele deixe de cumprir até a metade de um ano letivo.

No que diz respeito ao posicionamento ideológico, esse discurso rechaça a classe docente e as leis que supostamente a amparam, repetindo um discurso hegemônico que escamoteia as causas dessas faltas.

5. A fotografia como elemento do enunciado verbo-visual

Além da linguagem verbal, “30 mil professores faltam por dia em SP” também é constituída pela linguagem visual da fotografia, que não aparece aí apenas para comprovar a veracidade dos fatos narrados, mas também para orientar as conclusões do leitor a uma determinada direção.

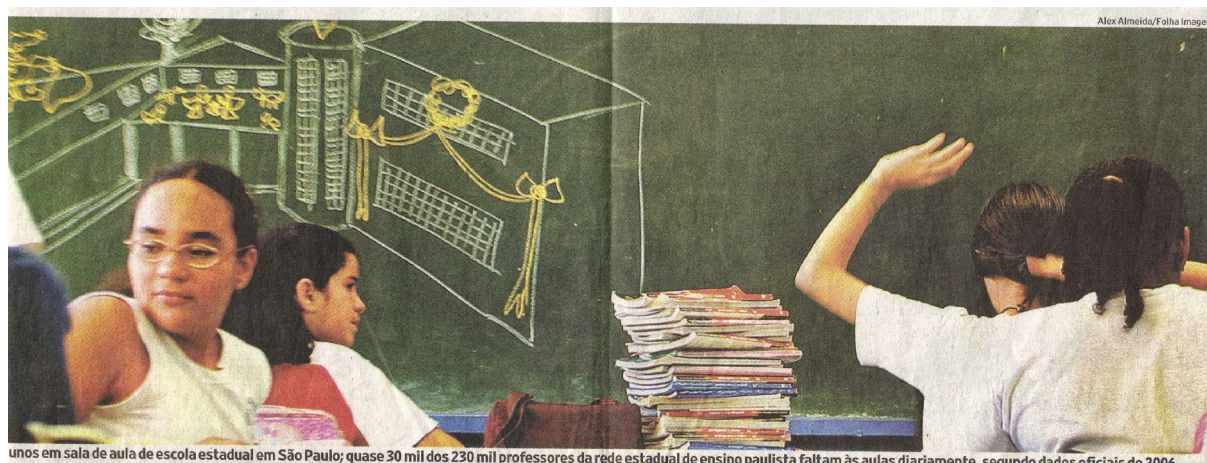
Quando falamos em enunciado verbo-visual ou verbo-sonoro, verbo-musical etc., entendemos que a palavra e a imagem constituem não dois e sim apenas um enunciado. A leitura desse tipo de enunciado não se limita a meramente estabelecer correlações entre o verbal e o não-verbal como se fossem unidades autônomas de sentido que mantêm relações entre si. A proposta extrapola essa concepção ao tomar esse tipo de enunciado como um todo de sentido.

Fiorin (2006, p.3) mostra que, na trajetória da humanidade, “pouco a pouco, vão surgindo outras maneiras de expressar os sentidos, vão sendo elaboradas outras linguagens. A lado das linguagens ‘simples’, que se manifestam por um único meio de expressão, como a música ou a escrita alfabética, engendram-se linguagens ‘complexas’, que se externam por diversos meios de expressão”.

Tomemos por exemplo o *rap* “Tô ouvindo alguém me chamar” de autoria dos Racionais MC’s. No plano verbal, o narrador-personagem – ao ser atingido por quatro tiros de revólver a mando de seu melhor amigo – passa a narrar sua história de vida: o ingresso na vida criminosa, alguns de seus atos ilícitos, a relação com seu pai e seu irmão. E, a cada pequena história, repete o refrão que diz: “Se eu sair daqui, eu vou mudar / Eu tô ouvindo alguém me chamar”. É interessante notar que – e isso foi trabalhado em sala de aula – os leitores que desconhecem esse *rap* e têm o seu primeiro contato com ele apenas por meio do texto escrito não conseguem afirmar seguramente se o narrador-personagem morre ao final da história. Entretanto, quando fazemos a audição – tomando contato com o enunciado integralmente – a resposta vem imediatamente, porque o sentido é construído pelo leitor/ouvinte. Expliquemos:

dentre os elementos sonoros e musicais, há a simulação do som do aparelho de monitoração dos batimentos cardíacos – tão famoso nos filmes e nos seriados de televisão – que se faz presente em toda a narração com um toque intermitente que ao final torna-se contínuo, ou seja, o narrador-personagem está sendo socorrido por médicos, mas não resiste aos ferimentos. O sentido do enunciado desse *rap* é construído por dois meios de expressão: o verbal e o sonoro.

Retomando a matéria intitulada “30 mil professores faltam por dia em SP”, vemos que ela é formada por um texto e uma fotografia que dividem praticamente o mesmo espaço (vide anexo). Apenas por questão de método, recortamos a fotografia para fazer uma primeira observação de forma isolada:



Fotografia que compõe a reportagem “30 mil professores faltam por dia em SP”, publicada pela “Folha de São Paulo” em 11 de novembro de 2007 na página C1 de seu caderno *Cotidiano*.

A imagem focaliza quatro estudantes que ocupam o espaço da sala de aula de maneira disciplinada ao gosto tradicional – sentadas individualmente, enfileiradas, executando suas tarefas. E, embora a professora não apareça na fotografia, a imagem deixa pistas de que ela esteja na sala, pois a bolsa e a pilha de livros que aparecem na parte central da imagem denotam sua presença.

Todavia, o objeto que é dado à leitura não se constitui de forma isolada, pois o verbal e o visual se coadunam na construção dos sentidos. No que diz respeito ao meio de expressão verbal, a análise apresentada no item anterior nos mostrou que o jornal constrói um discurso que repreende a ausência dos professores da rede pública e a legislação que o rege. Já, no que toca à expressão visual, podemos notar que o jornal procede ao apagamento da imagem daquela professora que certamente estava em sua aula, o que se confirma por meio de sua legenda: “Alunos em sala de aula de escola estadual em São Paulo: quase 30 mil dos 230 mil professores da rede estadual de ensino paulista faltam às aulas diariamente, segundo dados oficiais de 2006”. No contexto dessa reportagem, a referida fotografia deve ser lida como “a professora está ausente”. Eis que os meios de expressão verbal e visual constituem-se em um só enunciado, um só discurso.

Podemos, ainda, nos perguntar se o professor não tem voz que o defenda nessa polêmica e se o jornal não busca se mostrar imparcial em um outro momento da reportagem. Podemos indagar também por que a imagem do poder público é tão rarefeita nessa reportagem. É o que veremos a seguir ao estudar o discurso citado.

6. As diferentes vozes presentes no discurso jornalístico

Como toda polêmica apresenta, no mínimo, dois lados, dois posicionamentos ideológicos, o jornal – que se pretende objetivo e imparcial – tem como princípio ouvir todos os lados, dando-lhes vez e voz, para que o leitor tire suas próprias conclusões. No entanto, não é sem razão que certas matérias jornalísticas são acusadas de tendenciosas. Isso pode ser comprovado, por exemplo, observando-se o uso do discurso citado.

A noção de discurso citado corresponde às formas lingüísticas de representação do discurso alheio, ou seja, a representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso.

Nos termos de Bakhtin (2002, p.144), “o discurso citado é o discurso no discurso, um discurso sobre o discurso”. Consoante ao teórico russo, Authier-Revuz (1990, pp.25-26) entende que o discurso citado – ou discurso relatado, em sua terminologia – consiste em uma das formas da heterogeneidade mostrada do discurso, isto é, o conjunto de formas lingüísticas que inscrevem o outro na seqüência do discurso, representando de diferentes modos a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. No entanto, vale ressaltar que o discurso citado não corresponde ao discurso do outro em funcionamento, mas sim ao seu simulacro, que pode ser valorizado positivamente ou negativamente pelo discurso citante, de acordo com suas próprias categorias.

No texto sob análise, “30 mil professores faltam por dia em São Paulo”, podemos dizer que o jornal “Folha de São Paulo” delega voz a um “narrador” concretizado na figura do repórter Fábio Takahashi. É ancorada nessa referência antroponímica que a ilusão de centralidade do sujeito estabelecerá sua sede e concederá vez a outras vozes.

Há, no total, onze ocorrências de discurso citado nesse texto, a saber:

Quadro 1: Ocorrências de discurso citado na matéria “30 mil professores faltam por dia em SP”			
nº	transcrição ¹	forma de discurso citado	posicionamento discursivo
1	<i>Dos 30 mil, menos de 2.400 têm faltas que acarretam perda de salário, segundo dados oficiais do ano passado.</i>	discurso segundo	contrário ao professor
2	<i>“Todos conhecem um médico que pode dar o atestado”, disse o presidente da Udemo (representante dos diretores de escolas), Luiz Gonzaga Pinto [...].</i>	discurso direto	contrário ao professor
3	<i>“Não estou dizendo que os professores abusam. Mas sempre há aqueles que buscam as brechas”. [Luiz Gonzaga Pinto]</i>	discurso direto	contrário ao professor
4	A Secretaria da Educação do governo José Serra (PSDB) classifica o índice como “ <i>preocupante</i> ”.	ilha textual	contrário ao professor
5	[A Secretaria da Educação] Diz que <i>um pacote voltado aos docentes incentivará a diminuição nas faltas.</i>	discurso indireto	contrário ao professor
6	[...] a pasta diz que <i>o plano traz benefícios como o pagamento em dinheiro de 30 dos 90 dias de licença-prêmio e antecipação do bônus de merecimento.</i>	discurso indireto	contrário ao professor
7	Estudos nacionais e internacionais já apontaram que <i>há relação entre absenteísmo dos docentes e perda de aprendizagem.</i>	discurso indireto	contrário ao professor

¹ Destacamos em itálico o discurso citado para distingui-lo do discurso citante.

8	<i>"A legislação da rede pública é muito permissiva", afirmou o promotor da Infância e Juventude da capital, Motauro Ciochetti de Souza [...].</i>	discurso direto	contrário ao professor
9	<i>Já os professores dizem que as faltas são reflexo de más condições de trabalho.</i>	discurso indireto	favorável ao professor
10	<i>"Com jornadas extenuantes, classes superlotadas, o professor adocece, precisa ir ao médico ou se afastar", disse o presidente da Apeoesp (sindicado dos docentes), Carlos Ramiro de Castro.</i>	discurso direto	favorável ao professor
11	<i>A secretaria diz que eles [eventuais] "são preparados", mas "é de se esperar" que tenham dificuldades com turmas novas.</i>	discurso indireto com ilhas textuais	contrário ao professor

O quadro 1 pode revelar muitos detalhes, porém iremos apenas nos ater aos discursos que emergem por meio do discurso citado. As ocorrências de (1) a (4) e de (7) a (8) deixam transparecer um discurso que acredita na permissividade da lei como causa do absentismo docente, ao passo que as ocorrências (5) e (6) – ainda no mesmo posicionamento discursivo – revelam o discurso da má remuneração do professor. Já a voz dos professores se faz presente somente nas ocorrências (9) e (10), manifestando um discurso de protesto sobre as más condições de trabalho e os problemas de saúde que isso acarreta. Em suma, há aí três discursos e dois posicionamentos discursivos controversos.

De um modo geral, o jornal acaba assumindo nesse texto um discurso de posição contrária aos professores, pois minimiza os motivos das ausências, transformando-os em pretexto perante o leitor do jornal, ao mesmo tempo em que atribui o problema das faltas aos professores e à legislação.

7. O controle do discurso que resiste: uma prática de dominação discursiva

Dissemos no início deste artigo que a disposição dos enunciados na página do jornal é também um fator de construção de sentidos. Vimos que na metade superior da página sob análise irrompe um discurso que – ao fazer o leitor acreditar que o motivo do "absentismo" docente está na permissividade da lei – se posiciona ideologicamente contra toda uma classe trabalhadora.

Todavia, as manchetes das duas matérias da metade inferior dessa página parecem revelar um discurso favorável aos docentes: "Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema" e "Educadores defendem mudar a lei". São manchetes que não se pautam pelo lugar da quantidade e topicalizam, em uma, a causa do problema e, em outra, a solução para tal problema.

Observando a matéria intitulada "Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema", percebemos que a forte presença das formas de discurso citado é muito relevante para a construção do sentido do texto e, conseqüentemente, para a sua leitura também, porque o jornalista (narrador) instala em todo o enunciado outras vozes que não a sua, passando ao seu leitor a impressão de que o jornal não é o responsável pelo que é dito. Note-se que a própria manchete já é textualizada na forma do discurso indireto, de modo que o jornalista e o jornal não se comprometem com essa matéria com a mesma intensidade que eles assumem a manchete "30 mil professores faltam por dia em SP". Afora isso, devemos considerar que o corpo do texto apresenta cinquenta e seis linhas, das quais apenas sete são desprovidas de alguma forma de discurso citado.

Desse modo, recorre-se onze vezes a alguma forma de discurso citado, sendo que:

- A voz do presidente da Apeoesp (sindicato dos professores) aparece oito vezes;
- A voz do próprio jornal aparece uma vez;
- A voz de um aluno do Ensino Médio da rede pública aparece duas vezes.

Como já dissemos, o discurso citado é uma enunciação sobre outra enunciação, logo não se trata do discurso do outro em funcionamento, mas sim de uma simulação desse discurso. As oito ocorrências de discurso citado, que explicitam as causas que levam à ausência do professor, mostram de forma marcada o discurso do outro, um discurso que, diferentemente daquele que entende a ausência do docente como um caso de permissividade legislativa, que vê no absentismo a consequência de um problema de saúde do professor, acarretada pelas más condições de trabalho, baixa remuneração e superexposição a salas superlotadas com clientela violenta.

Essa é a leitura que podemos fazer se recortarmos o texto, mas não devemos nos esquecer do exemplo que oferecemos há pouco sobre a leitura/escuta do *rap*, pois essa reportagem também é um enunciado verbo-visual, pois é formada de um texto escrito mais uma fotografia (que ocupa pouco mais de um terço de todo o espaço da reportagem). Vejamos a imagem:



Fotografia que compõe a reportagem "Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema", publicada pela "Folha de São Paulo" em 11 de novembro de 2007 na página C1 de seu caderno *Cotidiano*.

A imagem apresenta, no primeiro plano, um jovem com boné na cabeça, corrente no pescoço e camisa do clube de futebol Real Madrid; ele aparece sentado, provavelmente, no muro de sua escola; seu corpo está curvado para frente e ele olha de soslaio para a lente da câmera que o fotografa. Em segundo plano, vemos um grande muro branco pichado, uma rua bem asfaltada e um carro abandonado ao lado do muro da escola. Temos aí elementos que compõem o espaço em que esse aluno se insere e ocupa.

Geralmente, quando se pretende passar – por meio de imagens – um ambiente saudável entre aluno e professor (por exemplo: Revista Nova Escola), esses sujeitos aparecem no interior de uma sala de aula bem organizada e passam uma certa harmonia. Entretanto, a imagem em questão deixa pressuposto que o aluno está fora da sala porque o professor está ausente; o olhar do aluno é de descontentamento, não o olhar cabisbaixo da vítima estereotipada, como quer passar a legenda da fotografia: “Vinícius Rodrigues Dantas, que se diz vítima da falta dos docentes”.

É necessário notar que, embora a reportagem deixe emergir um discurso preocupado com o problema de saúde do professor que é causado pelas más condições de trabalho e baixa remuneração, esse discurso além de não ser encampado pelo jornal é sutilmente rechaçado pelo discurso jornalístico da “Folha de São Paulo”. Pensemos que a reportagem é um enunciado com um todo de sentido: o meio de expressão verbal é predominantemente marcado por um discurso favorável ao professor, ao passo que o meio de expressão visual lhe é contraditório. Depreendemos daí o seguinte discurso: **“os alunos é que são as vítimas, e não os professores”**.

Ademais, outra estratégia de refutação de discurso citado pode ser observada no que Bakhtin (2002) chama de *contorno do discurso citado*. Trata-se da maneira como o discurso citante prepara a citação do discurso alheio. Vejamos como o jornal lança sua apreciação sobre o discurso da Apeoesp, pinçando apenas a ocorrência (2), que corresponde ao seguinte trecho:

Para sustentar a argumentação, Castro [presidente da Apeoesp] cita um estudo feito pela Apeoesp [...], que apontou que 61% dos professores dizem sofrer de nervosismo, 57% têm falhas na voz e 44% apresentam angústia.

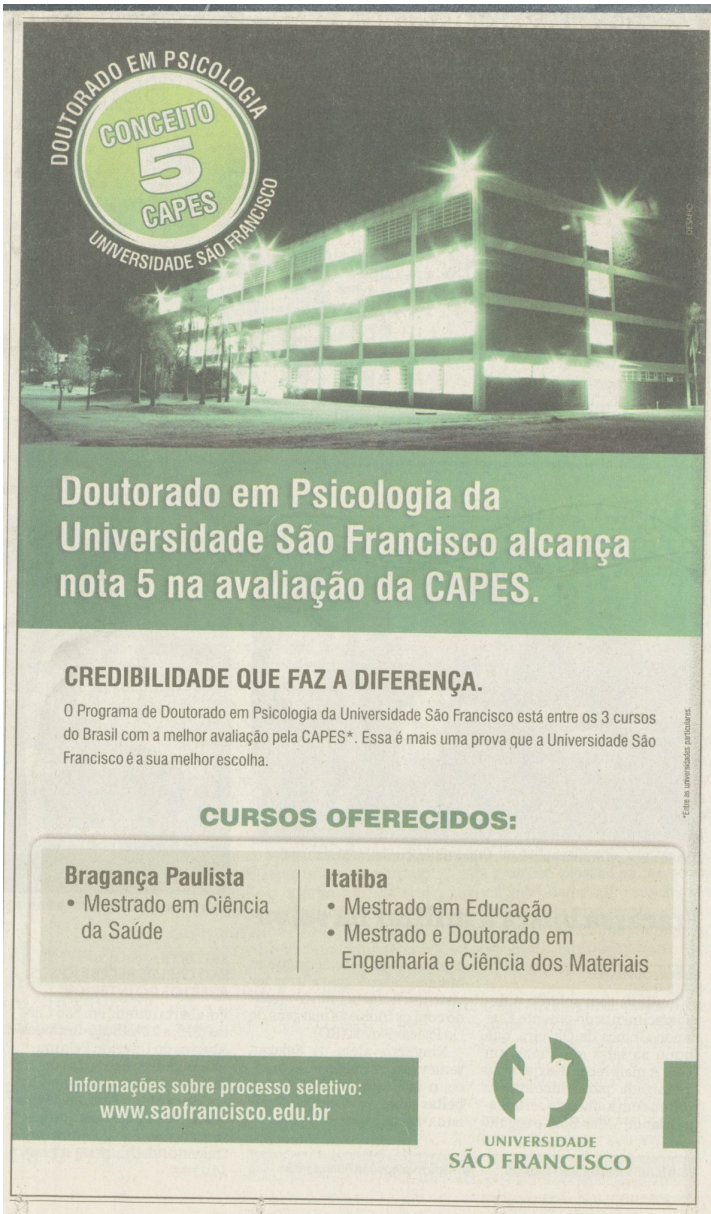
O contorno do discurso citado consiste no trecho “Para sustentar a argumentação, Castro [presidente da Apeoesp] cita um estudo feito pela Apeoesp [...], que [...]”, ao passo que o discurso citado é representado pelo fragmento “[...] apontou que 61% dos professores dizem sofrer de nervosismo, 57% têm falhas na voz e 44% apresentam angústia”. É interessante observar como o jornal cita de forma direta os dados que fundamentam seu discurso e como ele mantém distanciamento dos dados que sustentam o discurso favorável ao professor. Essa oração “para sustentar a argumentação” – ou outra equivalente – não é um recurso empregado na matéria “30 mil professores faltam por dia em SP”.

Essas estratégias discursivas não só refutam o discurso do outro, como também revelam o exercício de controle do discurso dominante sobre o discurso que tenta resistir. Isso ocorre também na reportagem intitulada “Educadores defendem mudar a lei”. A confrontação entre corpo do texto e manchete já revela a aparente contradição do discurso jornalístico. Os educadores citados na matéria – Sônia Penin, Mário Sérgio Cortella e Ilona Becskeházy – não apontam apenas a mudança na lei como solução do chamado absenteísmo docente. Suscitam, entre outros, o mesmo discurso da Apeoesp, o qual é apagado pela manchete da reportagem.

8. O discurso jornalístico e suas fronteiras

Diferentemente do discurso científico do historiador, o discurso jornalístico explora nitidamente a polêmica entre posicionamentos ideológicos e discursivos, criando simulacros do discurso alheio por meio das formas do discurso citado, por exemplo. Sabemos que o jornal se pretende imparcial e para isso seu discurso recorre aos efeitos de sentido de objetividade, de distanciamento. No entanto, sabemos também que esses efeitos apenas encobrem a orientação ideológica propagada pelo veículo de imprensa. Sendo assim, que consequências isso traz para a mediação do “real”? A partir daí, podemos supor que o discurso jornalístico é também um discurso político, ou, no mínimo, um discurso politizado? Temos aí duas fronteiras mitigadas: uma entre o discurso jornalístico e o discurso científico do historiador; outra entre o discurso jornalístico e o discurso político.

Outra fronteira discursiva interessante se dá entre o discurso jornalístico e o discurso publicitário. Podemos acreditar que um anúncio publicitário publicado, nesse caso, no jornal serve apenas para vender seu produto?



DOCTORADO EM PSICOLOGIA
CONCEITO 5
CAPES
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Doutorado em Psicologia da Universidade São Francisco alcança nota 5 na avaliação da CAPES.

CREDIBILIDADE QUE FAZ A DIFERENÇA.
O Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade São Francisco está entre os 3 cursos do Brasil com a melhor avaliação pela CAPES*. Essa é mais uma prova que a Universidade São Francisco é a sua melhor escolha.

CURSOS OFERECIDOS:

Bragança Paulista	Itatiba
• Mestrado em Ciência da Saúde	• Mestrado em Educação • Mestrado e Doutorado em Engenharia e Ciência dos Materiais

Informações sobre processo seletivo:
www.saofrancisco.edu.br


UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

*Entre as universidades particulares

Neste momento, iremos nos eximir de fazer uma análise detalhada desse anúncio publicitário, uma vez que nosso foco reside em compreender qual é o sentido que a enunciação de tal anúncio constrói ao ocupar a página de jornal que estamos analisando.

Trata-se de um anúncio da Universidade São Francisco que visa à divulgação de seus cursos de pós-graduação. Para persuadir seu público-alvo, enfatiza que o seu Programa de Doutorado em Psicologia está entre os três bem mais avaliados do Brasil.

O enunciado em destaque é construído nos moldes de uma manchete de reportagem ou de notícia, o que ressalta o limite entre o discurso publicitário e o discurso jornalístico: “Doutorado em Psicologia da Universidade São Francisco alcança nota 5 na avaliação da CAPES”.

Trata-se de um anúncio publicitário que enfoca a nota 5 (lugar da quantidade) e o curso de Psicologia. A inserção desse anúncio em uma página que traz reportagens sobre o problema das faltas dos professores pode ser considerada mero casuísmo. No entanto, por se tratar de um objeto produtor de sentido, cabe análise.

O discurso que emerge do jornal “Folha de São Paulo” inscreve-se em uma formação discursiva que, nitidamente, se restringe a denunciar o absentismo docente, cobrando-lhe sua presença independentemente de qualquer discussão sobre as causas do problema e suas possíveis soluções. Há outros segmentos de nossa sociedade que são bem conhecidos por esse tipo de prática discursiva. Todos eles se inscrevem numa mesma formação ideológica e vão constituindo formações discursivas convergentes entre si. Nesse tipo de discurso, não entra em questão se “61% dos professores dizem sofrer de nervosismo, 57% têm falhas na voz e 44% apresentam angústia”.

Todavia, esse discurso jornalístico produz um interessante diálogo (no sentido bakhtiniano) entre o discurso que defende o professor e o discurso publicitário. O discurso que emerge desse diálogo consiste em que a solução para a angústia, o nervosismo e a depressão do professor deve ser buscada no consultório do psicólogo e, tendo em vista que “30 mil professores faltam por dia em SP”, há muita demanda para esse tipo de profissional. Dessa maneira, ao colocar o anúncio da Universidade São Francisco ao lado da reportagem “Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema” (apagando o discurso da Apeoesp), a “Folha de São Paulo” está dizendo ao seu leitor que o professor deve procurar um psicólogo, em vez de faltar às aulas.

9. Considerações finais

Neste momento final, cabem algumas considerações acerca do trabalho de leitura que se espera fazer com o apoio do quadro teórico da Análise do Discurso. Temos consciência de que esse tipo de análise que apresentamos é uma prática estreitamente acadêmica, o que – evidentemente – não pode ser esperado do que entendemos como o leitor padrão do jornal. Acreditamos, porém, que o professor do Ensino Básico tem condições suficientes para compreender os princípios dessa prática de análise e de leitura do jornal. Esse professor pode ampliar sua habilidade de leitura e tornar-se um leitor bem mais crítico observando alguns mecanismos lingüístico-discursivos presentes na construção do discurso jornalístico. Neste artigo, mostramos apenas que:

- A diagramação do jornal estabelece as relações de sentido entre os textos;
- A categoria do numeral revela a retórica do número e o discurso imediatista da sociedade de consumo;

- O discurso citado explicita os discursos latentes na sociedade;
- A união da imagem com a palavra forma o enunciado verbo-visual e um só sentido;
- A presença da publicidade no jornal não ocorre gratuitamente (vale a ambigüidade).

Esperamos, enfim, ter conseguido desenvolver uma leitura crítica do jornal, bem como ter apresentado uma proposta de trabalho factível, reconhecendo já de antemão nossa dificuldade para produzir um discurso isento e imparcial sobre uma reportagem que atinge diretamente a classe trabalhadora à qual pertencemos.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: n.19, p.25-42, jul./dez.1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9.ed. São Paulo: Ed. Hucitec; Annablume, 2002.
- COLL, César et alli (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia Evolutiva*, v.1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: Beividas, Waldir. *Semióticas Sincréticas* (o cinema). Posições. Edição on line. Departamento Nacional do Livro, 2006, pp.3-8.
- KLEIMAN, Ângela B. & MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. 6.reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2006, pp.39-60.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3.ed. Campinas: Ed. Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- ROBRIEUX, Jean-Jacques. *Éléments de Rhétorique et d'Argumentation*. Paris: Dunod, 1993.
- TÉTU, Jean-François. *Le Discours du journal*. Lyon, 1982. Thèse de doctorat d'Etat.

Alunos em sala de aula de escola estadual em São Paulo; quase 30 mil dos 230 mil professores da rede estadual de ensino paulista faltam às aulas diariamente, segundo dados oficiais de 2006.

Apeoesp considera que doença funcional é causa de problema

DA REPORTAGEM LOCAL

O presidente da Apeoesp (sindicato dos professores), Carlos Ramiro de Castro, afirmou que, com salários baixos, longas jornadas, salas superlotadas e violência na escola, os professores tendem a adoecer e, por isso, precisam faltar. Para sustentar a argumentação, Castro cita um estudo feito pela Apeoesp, em conjunto com o Dieese (Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), que apontou que 61% dos professores dizem sofrer de nervosismo, 57% têm falhas na voz e 44% apresentam angústia. A pesquisa, publicada neste ano, entrevistou 1.780 docentes em novembro de 2003.

"Nessas condições, o professor adocece. E, como ele tem de fazer jornada tripla, se precisa ir ao médico, muitas vezes, tem de faltar", disse Castro, que é suplente do senador Eduardo Suplicy (PT-SP). "O professor precisa ter melhores condições de trabalho e um bom salário para poder diminuir a jornada."

O salário inicial da rede esta-

dual de São Paulo é de R\$ 1.295,76, para uma jornada de 30 horas semanais. Reportagem da **Folha** publicada no mês passado mostrou que o valor por hora da rede paulista é só o 10º maior do país.

Castro lembra que o corpo docente da rede é formado majoritariamente por mulheres (80%). "Elas têm de fazer exames médicos específicos. E, quando o filho adocece, geralmente é ela quem vai cuidar." O sindicalista diz ser contrário a mudanças na legislação.

Docentes também reclamam. "O professor não é valorizado, entra em depressão, tem problemas na voz. Estou desmotivado", diz um professor de história de São Paulo.

Se não há consenso para as razões do absenteísmo, os efeitos são conhecidos. Vinicius Rodrigues Dantas, 17, por exemplo, se diz uma das vítimas. Aluno do 3º ano do ensino médio de uma escola estadual, conta que "quase todo dia falta um professor".

"Geralmente, o substituto não faz nada, deixa a gente conversando", diz.



Vinicius Rodrigues Dantas, que se diz vítima da falta dos docentes

Educadores defendem mudar a lei

DA REPORTAGEM LOCAL

Educadores defendem uma mudança na lei. "A escola existe para o aluno ter acesso ao seu direito de aprender. Os direitos do professor não podem se sobrepor aos dos alunos", disse a diretora da Faculdade de Educação da USP, Sonia Penin, que defende também melhores condições de trabalho.

Para ela, o problema das faltas ainda não foi, de fato, enfrentado. "A secretaria e as associações de classe precisam sentar e se acertar. O que não pode é o aluno ficar sem aula."

O absenteísmo dos professores é um problema antigo. Em 1994, a **Folha** publicou reportagem que mostrou que, somadas, as faltas representavam um mês de aulas perdidas.

O filósofo Mario Sérgio Cortella, secretário de Educação na gestão da prefeita de São Paulo Luiza Erundina (então no PT), também defende melhores condições de trabalho, aliadas a uma melhoria na legislação. "Se as condições são ruins, o professor, como qualquer outro profissional, vai aproveitar todos os escapes."

Ele diz que o percentual de 12,8% de faltas diárias não é tão elevado como média, mas indica que a situação nas periferias esteja ainda pior.

"Embora seja cansativo ser professor, não se justifica ele assinar o contrato de trabalho, receber por ele e não cumprir sua parte", diz Ilona Beckskeházy, diretora-executiva da Fundação Lemann. Para ela, é preciso pagar mais para os assíduos e fazer controle eletrônico de faltas, além de mudar a lei.



Doutorado em Psicologia da Universidade São Francisco alcança nota 5 na avaliação da CAPES.

CREDIBILIDADE QUE FAZ A DIFERENÇA.

O Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade São Francisco está entre os 3 cursos do Brasil com a melhor avaliação pela CAPES*. Essa é mais uma prova que a Universidade São Francisco é a sua melhor escolha.

CURSOS OFERECIDOS:

Bragança Paulista

- Mestrado em Ciência da Saúde

Itatiba

- Mestrado em Educação
- Mestrado e Doutorado em Engenharia e Ciência dos Materiais

Informações sobre processo seletivo:
www.saofrancisco.edu.br



*Entre as universidades privadas.